

e idades semelhantes às do nosso Sol. As experiências foram abandonadas depois de seis meses.

Para se realizar devidamente a tarefa — testemunhou o Dr. Lovell — será necessário um número finissimamente instrumentalizado de radiotelescópios, aperfeiçoados especialmente para abordar o problema numa base de prazo longo. O cientista manifestou suas dúvidas quanto ao fato de alguma nação se mostrar disposta a tomar a peito um projeto tão dispendioso e, ao mesmo tempo, de caráter tão especulativo.

O Dr. Brown descreveu a possibilidade de vida extraterrena como sendo “uma das interrogativas mais importantes e mais entusiasmantes que se nos deparam”. Constituía uma sua “aposta pessoal” — disse êle — a de que a vida é “uma coisa muito abundante no nosso universo”. Todavia, a probabilidade de se receberem sinais, dêesses outros mundos, “depende grandemente da maneira pela qual êsses mundos se têm comportado, bem como da circunstância de êles terem possuído recursos bastantes para tentar o estabelecimento de contacto”.

Disse êle que se sentia “de algum modo preocupado”, quando pensava “no caso de outros legisladores, em outros mundos, votarem verbas para a construção de transmissores poderosos, destinados a remeter sinais que pudessem, ou talvez não pudessem, ser ouvidos dentro de uns poucos milhões de anos.”

Os astrônomos e os biólogos parece que divergem muito em seus conceitos a respeito da existência de formas superiores de vida em planetas pertencentes a outros sistemas solares. Os astrônomos, exatamente como os físicos, sustentam que é praticamente certo que civilizações semelhantes à nossa existem em muitas partes do Universo. Os biólogos, por outro lado, consideram como muito improvável a existência, em outros planetas, de formas de vida semelhantes à do Homem.

Por exemplo: o Dr. Harlow Shapley, astrônomo de Harvard, calculou que há cerca de uma centena de milhões de mundos, nos quais uma vida superior foi plasmada pela evolução. “Nós não estamos sós — disse êle: — Sêres inteligentes abundam no Universo; e êles, em sua maioria, são muito mais velhos do que nós.

De conformidade com o pensar do astrônomo polonês, Dr. Jan Gadowski, “a existência de civilizações altamente desenvolvidas, em planetas dos sóis pertencentes à nossa galáxia, deve ser a norma, muito mais do que a exceção”. Para que a vida orgânica cresça, passando de simples células a sêres inteligentes — acredita o Dr. Gadowski — é preciso que um planeta haja passado três bilhões e quinhentos milhões de anos numa zona temperada de habitabilidade; e esta zona pode ser encontrada em de-

terminada distância, a contar das estrêlas. Noventa por cento das estrêlas da nossa galáxia — afirma êle — devem possuir planetas que satisfizeram esta condição básica, e que, portanto, talvez tenham propiciado o aparecimento de formas avançadas de vida, tais como a do Homem.

Êste ponto de vista foi contestado num Congresso Internacional de Astronáutica, realizado em Washington. Quem o contestou foi o biologista italiano, Dr. Rodolfo Margaria, da Universidade de Milão. A probabilidade de o Homem, tal com êle é conhecido à face da Terra, existir em qualquer outra parte do Universo — disse o Dr. Margaria ao Congresso — é tão remota, que pode ser desprezada.

Os mesmos acontecimentos geológicos, físicos e químicos, que se registraram há mais de três bilhões de anos, na Terra, conduzindo ao surto da vida tal como ela agora é conhecida — disse êle — teria de ser exatamente duplicada, para que o Homem fôsse criado em algum outro lugar. Se as mesmas formas elementares de vida houverem surgido em outro planeta — asseverou êle — a probabilidade de essa vida haver seguido a mesma trajetória evolutiva é tão pequena, a ponto de ser impossível computá-la.

A vida, no Espaço, se existe, terá de ser muito mais diferente da do Homem do que o possa ser qualquer outra forma de vida que agora circunda o Homem na Terra, como por exemplo a vida das árvores. As árvores — fêz êle observar — cresceram e evoluíram sob as mesmas condições em que o Homem cresceu e evoluiu; e têm a mesma origem do Homem.

O Dr. Margaria acredita ser improvável que o Homem encontre sêres inteligentes no Universo, a fim de com êles se comunicar. Tais sêres teriam de ser pelo menos tão inteligentes como o Homem, visto que os dois lados poderiam defrontar-se com o percalço de não possuir os mesmos órgãos de sentidos.

Embora se haja proclamado que a composição química do Universo é fundamentalmente a mesma por tôda parte, esta proclamação — notou o referido cientista — se refere apenas a estrêlas e a sistemas solares, como um todo. Para que as formas viventes se desenvolvam, uma condição química semelhante é de capital importância; deve existir à superfície de um planeta específico; e não se presume que esta condição seja a mesma por tôda parte.

Um “Ranger” Silencioso Cai na Lua

A última semana de abril, de 1962, assistiu a dois dramáticos desenvolvimentos do nosso programa espacial: a queda da pri-